CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Presidente
Herbert Victor Levy

Luiz Fernando Ferreira Levy
Paulo Roberto Ferreira Levy
Luiz Fernando Cirne Lima
Roberto de Souza Ayres

GAZETA MERCANTIL

DIRETORIA

Diretor-Presidente
Luiz Fernando Ferreira Levy

Diretores Vice-Presidentes

Henrique Alves de Araujo
Roberto Muller Filho
Roberto de Souza Ayres

Democracia, o legado de Sarney

Dentro de nove dias a Nação estará assistindo a uma cena política absolutamente inédita para uma ampla parcela do seu povo, aguardada com ansiedade por três longas décadas e para cuja realização os verdadeiros democratas lutaram com todas as suas forças: o presidente da República, José Sarney, estará passando a faixa presidencial ao sucessor, Fernando Collor de Mello, eleito pelo voto direto e secreto.

O momento impõe uma profunda reflexão sobre a atribulada etapa final desta transição para a democracia, administrada pelo presidente José Sarney, na perspectiva da sua herança política, social e econômica.

A reconquista dos direitos políticos — amarga ironia! — ocorre num período da história marcado por profundas desigualdades sociais, desorganização nas finanças públicas e suas seqüelas sobre a taxa de inflação, desestruturação do aparelho de Estado e desvio de suas atividades-fim.

Esses problemas sociais e econômicos são de todos conhecidos. O próprio presidente Sarney, em sua última mensagem ao Congresso Nacional — lida em plenário por ele mesmo, num gesto inédito neste século —, reconheceu ter sido vencido.

Entretanto, se há algo, nesse capítulo de sua gestão, por que ele não pode ser criticado no futuro é, exatamente, por omissão: não se pode dizer que Sarney não tenha tentado — no mínimo, ele realizou três "choques" econômicos, fez uma moratória e produziu uma reforma administrativa que o Congresso derrubou.

Mas o que atravessará o tempo, com a marca da administração Sarney, será a sua obra política. Os historiadores, certamente, irão dedicar-se com mais acuidade a esse aspecto, pela relevância da sua essência, do que à outra face deste governo.

Importante mesmo, para o futuro desta nação, dos seus cidadãos, é a liberdade, a democracia. Sem ela, como já vimos — e sentimos — nas últimas três décadas, sequer é possível discutir-se os problemas graves da nossa economia e dos desajustes sociais, diagnosticá-los e procurar, de todas as formas, as soluções adequadas.

O presidente José Sarney teve um papel fundamental, como governante, na reconstrução do espírito da democracia neste país. Desde os atribulados momentos iniciais, quando substituiu o falecido Tancredo Neves e manteve os compromissos básicos da Aliança Democrática que o elegeu, Sarney foi, sobretudo, um presidente tolerante, com olhos postos na luz ao fim da transição.

Às críticas que lhe foram feitas no período — não nos cabe aqui julgá-las — respondeu com o patrocínio de causas tão caras à democracia como a intransigente defesa do voto livre na plenitude, estendendo-o aos analfabetos, a convocação da Constituinte e a legalização de todos os partidos e correntes políticas, que puderam livremente participar dos debates sociais e das eleições que patrocinou.

A eleição do seu sucessor-adversário, por exemplo, ocorreu no mais absoluto clima de liberdade, até mesmo para fazer, como ocorreu, do seu governo o alvo central da campanha eleitoral.

Pode-se afirmar que Sarney foi um presidente contemporâneo com o que estava acontecendo no mundo, e, provavelmente, é isso o que os historiadores irão registrar em seus livros sobre esta etapa difícil da vida do País.

Este jornal, sabem os seus leitores, jamais foi dado a elogios gratuitos. O momento, no entanto, exige uma avaliação do que representou a "era Sarney".

Um olhar sobre a vida política dos brasileiros, hoje, bastaria para reconhecer esse avanço. Mas há mais, para além das fronteiras: o sucessor do atual presidente encontrará como herança uma política externa hábil e firmemente conduzida, no período, assentada nas bases de um acordo regional para integração efetiva da América Latina, por exemplo.

Também ficaram delineados de maneira firme, em defesa da soberania nacional, os contornos de uma visão ampla da questão da dívida externa, que ele qualificou, com acerto, de essencialmente política, ao referir-se a esse espectro que ronda os países em desenvolvimento num histórico discurso na Assembléia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU). Enfim, como reconheceu publicamente seu sucessor-adversário, houve aí uma atuação "irretocável".

Em fim de mandato, o presidente Sarney pode retirar-se certo de que, no futuro, a História irá julgá-lo mais por sua posição de permanente defesa dos valores democráticos do que pelos problemas econômicos e sociais amplificados na sua gestão, talvez em decorrência mesmo do reaprendizado nacional.

Sua contribuição para o futuro político dos brasileiros foi, portanto, inestimável. É necessário admiti-la e fazer-lhe justiça. Como o fará, certamente, a História.